

ZERRO

Nº 6 - ANO XI - FLORIANÓPOLIS, 16 DE MAIO DE 1994 - CURSO DE JORNALISMO DA UFSC

Administração
de Kleinübing
bateu recorde
em gastos com
publicidade

Página 3

Diretoria do
BESC aumenta
os próprios
salários na
surdina

Página 5



Hospital de
Caridade foi
alertado quatro
vezes sobre
os riscos

Página 4

UFSC
homenageia
Betinho pela
campanha
contra a fome

Página 8

A exumação de Floriano

**Centenário do nome Florianópolis provoca uma
onda revisionista: o responsável pelo massacre
de Anhatomirim merece essa homenagem?**

É brincadeira...

A realidade nos reserva situações que nem mesmo Buñuel, mestre do cinema surrealista imaginária. Como explicar a irônica reverência que uma cidade presta a seu próprio carrasco? Há cem anos, a singela homenagem à Nossa Senhora do Desterro foi trocada pela humilhante denominação que a capital catarinense carrega até hoje. A luta pelo poder nos primeiros anos da República, causa do massacre de Anhatomirim, revela personagens insanas dignas dos filmes de Buñuel.

Se este número tivesse que se resumir a uma única palavra, ela seria "indignação". Motivos para isso não faltam. Os absurdos gastos com propaganda

no governo Kleinübing, além de obra de políticos ávidos por auto-promoção, engordaram as contas bancárias da família Sirotski, da produtora de vídeos TVI, das agências de publicidade Propague e Artplan-Sul (da família Bornhausen).

Há outros motivos ainda: a negligência que permitiu o incêndio do Hospital de Caridade. A fórmula tortuosa que diretores do BESC encontraram para aumentar os próprios salários. A estagnação da preguiçosa estatuinte da Universidade.

A indignação chega a seu aspecto mais dramático com a situação dos 32 milhões de miseráveis brasileiros. Betinho, líder e símbolo da campanha contra a fome, esbanjou simpli-

cidade e otimismo na sua passagem por Santa Catarina. Ele representa a esperança de um povo que parece estar chegando ao limite do conformismo.

Esta é a primeira edição do ZERO de 1994. O número anterior, "Imprensa: verso e reverso - um dossiê sobre jornalismo impresso", teve a repercussão e causou a polêmica que esperávamos. Recebemos várias cartas que, por falta de espaço, foram resumidas ou não puderam ser publicadas.

Com esta edição, o ZERO mantém o espírito crítico e a independência que sempre o caracterizaram. Neste ano de eleições estaremos atentos à atuação dos políticos e da imprensa durante a campanha.



zebasika

ZERO - MAIO 94

ZERO

Jornal-Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina

Arte: Alessandro da Silva, Michelson Borges, Zé Dasselva

Colaboração: Angelita Corrêa, Rodrigo Pisselli

Copy-writer: Professores Luiz Scotti, Francisco Karam, Neila Blanchin, e Carlos Locatelli

Diagramação:

Alessandro da Silva, Alexandra Baldisserotto, Flávia Rodrigues, Jaime Luccas, Patrícia Marcia, Pablo Claudino, Sérgio Severino, Viktor Carlson

Edição: Alessandro da Silva, Diógenes Fisher, Clayton Wosgrau, Jaime Luccas, Josemar Sehnem, Luciane Lemos, Luiz Carlos Festi, Pablo Claudino, Patrícia Marcia, Sandra Nebelung, Sérgio Severino e Suanne Quevedo

Editoração eletrônica:

Sérgio Severino e Giacarlo Proença

Fotografia: Alessandro da Silva, Maurício Xavier, Paulo de Tarso e Silvio Pereira

Textos: Alessandro da Silva, Alexandre Winck, Ana Paula Pinho, Clayton Wosgrau, Flávia Rodrigues, Josemar Sehnem, Joice Sabatke, Lúcio Baggio, Luiz Carlos Festi, Maurício Oliveira, Maurício Xavier, Pablo Claudino, Paulo de Tarso, René Müller, Sandra Nebelung

Supervisão: Prof. Carlos Locatelli

Redação: Curso de Jornalismo (UFSC - CCE), Trindade, Florianópolis / SC - CEP 88040-900

Telefones: (0482) 31-9215 e 31-9490

Telex e fax:

(0482) 34-4069

Acabamento e impressão:

Diário Catarinense

Distribuição gratuita

Circulação dirigida

Sem Fronteiras

(...) O jornal me parece muito bom em seu conteúdo, mas poderia melhorar o projeto gráfico. De todo jeito, gostaria que me explicassem todo o processo de produção deste, se os estudantes estão envolvidos, se é editado por profissionais ou grupo independente. Nos interessa muito receber toda informação, notas, e avisos de congressos, conferências, etc. dos quais vocês tenham acesso.

Fernando Gigena

Diretor da

revista "Consignas"

Buenos Aires - Argentina

Futuro promissor

(...) É importante perceber a competência e a garra dos nossos futuros jornalistas catarinenses, espelhadas nas páginas do jornal, que daqui por diante ficarão nos arquivos da INTERCOM para consulta regular dos associados e demais interessados.

Prof. Adolfo Queiroz

Presidente da INTERCOM

Piracicaba - SP

"Picareta" não!

No que se refere aos jornais do interior impõe-se fazer alguns reparos sobre os conceitos inseridos na reportagem, - "É PARTIDÁRIO SIM SENHOR", ZERO Nº5 - dado aos absurdos e inaceitáveis exageros cometidos.

(...) deve-se denunciar desde logo a impropriedade das conclusões tiradas pela autora, quando, sem o mínimo de escrúpulo e uso da ética e do respeito, generaliza uma expressiva categoria empresarial, taxando-a de "picareta" - mesmo usando de palavras do sr. Nilson Lage, jornalista, professor e orientador do projeto.

Se num tempo passado, mais distante, existiram jornais com orientação político-partidária conforme afirma o sr. Nilson Lage, a atualidade apresenta um quadro muito diferente daquele. Num processo natural de renovação e evolução, o interior conta com importantes, fortes e bem estruturadas empresas jornalísticas, (...)

E o ilustre sr. Nilson Lage demonstra com suas desrespeitosas

declarações, de que é um cidadão desatualizado com a nova realidade da imprensa (jornal) do interior. (...)

Ao contrário do que afirma o sr. Nilson Lage, o jornal do interior não fala só do prefeito e do vereador. Faz denúncias, aponta irregularidades, fala do empresário, do trabalhador, do sindicato. Incentiva o esporte, o artesanato. Preserva costumes, expande a cultura e as artes. Preconiza mudanças, critica e apóia as ações construtivas.

Com seu trabalho e orientação dentro desses parâmetros, o jornal do interior não aceita o rótulo de "picareta" e "politiqueiro". (...)

Como SC, tem uma só capital - Florianópolis - todos os demais jornais que circulam em seu território, são do interior. Nesse caso, perguntamos ao sr. Nilson Lage: "A NOTÍCIA" de Joinville e o "JORNAL DE SANTA CATARINA", de Blumenau, também se enquadram em sua conceituação como "picaretas"?

E poderíamos citar inúmeros outros títulos de jornais de nosso interior, cujas presenças, em suas comunidades, de forma constante e permanente, são provas do trabalho, perseverança e competência de seus dirigentes. (...)

Quanto às informações da aluna Joana Nin, podemos afirmar que suas conclusões resultam de um trabalho limitado, incompleto e, por consequência sem respaldo de informações e dados mais consistentes. São portanto, discutíveis e controversos. Indagamos sobre a metodologia usado, qual o universo de consultas realizadas? Quais as cidades visitadas e quais os veículos consultados? (...)

Ao contrário do que afirma o sr. Nilson Lage, o interior de SC, é um mercado potencial para os jornalistas formados. É bem verdade de que os bons, os mais capazes, estes têm maiores probabilidades de vencer e permanecer no interior, com salários compatíveis à sua capacitação. Sobre a presunção de que jornal para dar certo é preciso que "sejam fundados por jornalistas profissionais", lançamos o desafio ao sr. Nilson Lage para que, juntamente com as alunas Meire Bertotti e Joana Nin e quem sabe, outras tantas mais, venham para o interior e fundem tantos jornais quanto desejarem. Mas não bas-

ta somente fundar, tem de haver a sustentação e a continuidade do projeto. Esses empreendimentos, naturalmente, tem de dar retornos. Será uma excelente oportunidade para o ilustre professor demonstrar, além da teoria, sua capacidade gerencial e administrativa e mostrar aos seus alunos, como se faz jornal.

A ADJORI - Associação dos Jornais do Interior de Santa Catarina, na condição de entidade representativa dos jornais do interior, deseja por este meio, o seu repúdio pela manifestação pejorativa e desonrosa com que foram atingidos os veículos de comunicação social por ela representados.

Darcy Schultz

Presidente ADJORI

Chapecó

Nilson Lage responde

A matéria refere-se à pesquisa de graduação que orientei: não sou responsável pelos títulos nem edição desse número do ZERO, o que, aliás, se constata lendo o expediente do jornal. Quanto à metodologia e seriedade da pesquisa, porém, sou responsável - e, nessa condição, passo a responder:

- a pesquisa abrangeu cidades com menos de 50 mil habitantes, o que exclui a maioria dos veículos citados em sua carta. O título do projeto é "A imprensa de pequeno porte em Santa Catarina"; se A NOTÍCIA, o SANTA ou o CORREIO LAGEANO são jornais de pequeno porte, no universo da imprensa catarinense, o que seria de grande porte?

- a pesquisa exclui também municípios de áreas metropolitanas, que têm características peculiares. O que se pretendeu estudar foi o berçário de uma imprensa local - as pequenas cidades onde se poderia desenvolver o jornalismo comunitário, atuando como estimulador do desenvolvimento econômico e social, espaço de construção da cidadania, de reflexo, reflexão e crítica de eventos históricos cujo registro, afinal, nem se costuma fazer por outros meios. (...)

(...) Em esmagadora maioria, os jornais são semanários (33). Mafra,

no limite populacional máximo adotado como critério de seleção tem dois jornais e um deles é publicado duas vezes por semana.

- a pesquisa foi dificultada pelo desinteresse dos próprios jornais. Um formulário distribuído entre eles obteve número mínimo de respostas; foi preciso recorrer a outros meios e fontes, desde o telefone à consulta às prefeituras e à própria Adjori. Os exemplares recolhidos foram analisados cuidadosamente e as conclusões da pesquisa são, obviamente, lastreadas nesse material. (...)

Quanto à parte retórica da carta, cabe-me informar que tenho 40 anos de profissão; trabalhei em publicações grandes, pequenas e médias; conheço pelo menos uma quarta parte desse país, município por município; estudo jornalismo desde que comecei a escolher o que estudar; sou professor titular por concurso e tenho formação acadêmica completa. Nessa altura da vida, estou me lixando para o que o senhor ou sua associação pensem a meu respeito; a legislação brasileira garante-me liberdade de cátedra e pesquisa, pelo que é perda de tempo mandar cópias de sua carta ao reitor ou ao bispo

Creio sinceramente que as associações de jornais do interior (não só de Santa Catarina) estão, em geral, mais preocupadas em obter favores de governos do que em viabilizar jornalismo de qualidade - e isso é o que chamo "picaratagem". (...)

Reverter esse quadro e viabilizar programação decente dos jornais de pequenas cidades deveria ser a meta das Adjoris. (...)

Nilson Lemos Lage

Professor titular - UFSC

A carta do *Jornal Concórdia*, consideramos respondida por tratar do tema acima. Agradecemos também as correspondências da União Latina, de Lima, da Universidade Federal de Sergipe e da Biblioteca do Congresso americano.

Propaganda é a alma do negócio

Campanhas publicitárias do governo esvaziam cofres públicos

Desde o dia em que Antônio Carlos Konder Reis tomou posse do cargo de governador do Estado, em 2 de abril, os anúncios de propaganda oficial do governo, principalmente no horário nobre e nos jornais impressos, praticamente desapareceram. Os catarinenses, sem saber o porquê, perguntam e o governo não responde. Ou melhor, responde, mais de maneira muito simplista.

O diretor de marketing da Secretaria da Comunicação Social, Jarém Medeiros de Araújo, disse que a grande quantidade de anúncios publicitários do governo veiculados nos últimos meses era para mostrar as realizações da gestão Kleinübing em três anos de mandato. Konder Reis tomou posse no mesmo período em que teria terminado essa campanha publicitária. Para Jarém, portanto, tudo não passa de coincidência. Mas nem tudo é tão simples quanto algumas pessoas querem que pareça.

Jarém admite que o atual governador fechou as torneiras, pelo menos temporariamente, para que os secretários de estado reexaminem as secretarias. Só que o diretor de marketing, por não saber ou não querer, não contou uma certa historinha. As duas agências que tinham parte das contas de publicidade do governo, Artplan-Sul e Propague, veicularam anúncios oficiais nos canais de TV, principalmente na RBS. Só que os contratos de transmissão não foram assinados pelo então governador Kleinübing - o que, ao que parece, já era hábito. Mas o que as agências e as empresas de TV não esperavam era que Konder Reis fosse usar



Konder Reis fechou as torneiras: Secretarias gastavam demais

isso para não pagá-los. Mas essa atitude tem uma razão de ser.

Em três anos, o ex-governador Vilson Kleinübing e o seu secretariado, com autoridade oficial e verbas públicas, fizeram da propaganda uma marca registrada do governo - para alegria dos meios de comunicação e agências de publicidade. Durante esse tempo, os catarinenses puderam ver, até a exaustão, cada poste que a Celesc instalava ou cada vaquinha que o secretário Mário Cavallazzi abraçava. Só no dia 25 de novembro do ano passado, quando o *Diário Catarinense* publicou um encarte sobre os ex-governadores de Santa Catarina, o estado engordou a conta do jornal, em aproximadamente 147.880 URVs, por dez páginas coloridas de anúncio.

Até mesmo o primeiro número de um pequeno jornal de 16 páginas, o *Presença*, "recebeu" duas páginas e meia de propaganda oficial. Como se não bastassem, os altos

gastos, o tipo de publicidade que o governo faz tem algumas irregularidades.

Questão filosófica - o deputado Vilson Santin (PT) ingressou, em abril, do ano passado, com uma ação popular contra o ex-governador, por usar ilegalmente a propaganda oficial. O deputado lembra que a Constituição Federal diz, em seu artigo 37, que na publicidade oficial não pode constar nomes, símbolos ou imagens que caracterizem promoção pessoal de autoridade ou de servidores públicos". Esse artigo foi reproduzido na Constituição Estadual. Para Santin, a propaganda do governo é imoral, ilegal e inconstitucional". "O governo quer induzir a população a crer que o programa está sendo cumprido, o que não é verdade", afirma. Em setembro do ano passado, Vilson Santin com outros dois deputados, Herneus de Nadal e Onofre Santo Agostini, entregaram ao então promotor da moralidade administrativa, Raulino Bruning, uma representação con-

tra o governador do estado, pelas mesmas razões que motivaram a ação popular. O promotor enviou um ofício ao Tribunal de Contas do Estado para saber se os gastos do governo com publicidade entre janeiro e julho de 1992 eram legais ou não.

Raulino tinha informações interessantes. Um exemplo em fevereiro de 1992, o governo depositou CR\$ 1,2 bilhão na conta da publicidade. Apenas CR\$ 400 milhões eram considerados legais. Os outros CR\$ 800 milhões, 66% do total cerca de 8.330 salários mínimos, foram gastos excessivos. Em apenas um mês, somente no dia 12 de abril deste ano, que o TCE resolveu investigar as despesas com publicidade das secretarias da Agricultura, da Educação, dos Transportes, da Saúde, da Comunicação Social, da Habilitação, da Justiça e Administração, da Celesc e do BESC em 1994.

Até agora, a Justiça fez vistas grossas ao que se gastou nos outros três anos. Quanto ao grande número de propagandas em março deste ano, Jarém disse que não podia revelar quanto custou ao bolso dos catarinenses.

O presidente do TCE, Antero Nercolini deu um prazo de 15 dias para as secretarias apresentarem os documentos necessários para verificar se a publicidade paga pelos órgãos públicos descumpriram a constituição. Esse prazo esgotou dia 27 de abril, mas Nercolini resolveu esticá-lo por mais 15 dias. Para Jarém, caracterizar como de uso personalístico uma propaganda é muito relativo. Ele acha que essa é uma "questão filosófica" para ser revista e discutida.



Publicidade de Kleinübing: alegria da imprensa catarinense



Textos: Pablo Claudino

Governo sustenta publicitários

As grandes responsáveis pelo show multimídia de anúncios que marcam a administração Kleinübing/Konder Reis são duas agências de publicidade: a Artplan-Sul Publicidade S.A. e a Propague Serviços de Comunicação Ltda. A primeira pertence à família Bornhausen. Já a Propague pertence a Roberto Costa, que começou a ganhar dinheiro e fama no governo Amim. As duas agências ganharam todas as licitações

públicas. Somente este ano, coincidentemente eleitoral, é que outras duas agências, a De Araújo Propaganda Mkt. Ltda e a Carlos Paulo Propaganda, receberam pequenas fatias dos anúncios oficiais.

A Artplan-Sul e a Propague costumam contratar os serviços da Produtora TVI, que faz a propaganda em vídeo das campanhas da União por Santa Catarina para as prefeituras de Joinville, Itajaí e Florianópolis

nas últimas eleições. Produziu também a campanha do Kleinübing à prefeitura de Blumenau e ao governo e, acabou abocanhando 95% dos anúncios da TV da atual administração do estado. Produzia, inclusive, o programa que servia de palanque eleitoral para o ex-secretário da Educação Paulo Bauer, "A escola te vê", que ia ao ar uma vez por mês - exceto em março quando foi duas vezes.

No dia 26 de abril, o colunista Cacau Menezes escre-

veu no *Diário Catarinense* que os vídeos de anúncios do governo estavam sendo produzidos pela TVI por um preço que variava de US\$ 8 mil a US\$ 15 mil, enquanto a RBS Vídeos, a BV Produções e a RCE Produções não cobriam mais que US\$ 4 mil. Cacau trabalha há mais de 15 anos na RBS, empresa que levou uma rasteira do governo, que não quis pagar os anúncios veiculados na emissora no mês de março.

MAIO 91 - ZERO

Caridade era um perigo

Pelo menos quatro vezes nos últimos oito anos a direção do Hospital de Caridade foi avisada por especialistas do perigo que o prédio corria se uma reforma geral não fosse feita nas suas instalações. O hospital, que começou a ser construído há 228 anos, sofria com a umidade crônica e com a construção desordenada de anexos à estrutura original. Dois males que deixaram o Caridade em grave estado de saúde e que podem ter sido determinantes no incêndio de seis de abril.

O primeiro alerta veio em 1986, de uma organização multi-institucional. A equipe incluía o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF), a Fundação Catarinense de Cultura (FCC) e a Fundação de Ampa-

Direção do hospital conhecia os riscos de incêndio. Descaso e negligência impediram reformas

ro à Tecnologia e ao Meio-Ambiente (Fatma). O objetivo era fazer um levantamento histórico, cultural e paisagístico do hospital, tendo em vista a restauração do casarão do Caridade, da Capela do Menino Deus e a criação de uma reserva ecológica na encosta do morro.

A precariedade em que se encontrava a parte antiga do hospital era tamanha que o projeto sugeriu demolir boa parte do prédio.

O estudo concluiu que estas áreas poderiam ser reconstruí-

das, desde que o patamar de andares e o estilo arquitetônico fossem os mesmos do projeto original. O resto do prédio deveria ter a fachada recuperada e o interior remodelado, ou então, ser totalmente reformado. De resultados práticos, só houve uma exposição no museu Cruz e Souza.

Em 1988, a arquiteta Fátima Regina Althoff, hoje na Fundação Catarinense de Cultura, levantou problemas existentes no hospital em minuciosa tese de pós-graduação. Com a experiência de um curso na Bahia, ela fez um levantamento de fotos e um projeto para a restauração do prédio.

Esse trabalho da arquiteta veio reforçar as conclusões da análise de 1986, mostrando ambientes inutilizados, fiação mal-acondicionada, umidade e falta de ventilação. Há casos de pisos construídos irregularmente, em que o pé-direito ficou baixo demais e o ambiente abafado. Para resolver o problema foi improvisada uma janela a partir de um vitral. O relatório final do projeto avisava ainda que a umidade no forro acima do coro da igreja e no depósito atrás da capela-mor escorria pela paredes. A causa eram problemas no telhado e nos canos condutores de água da chuva.

"A argumentação da diretoria era de que não havia dinheiro para pôr a obra em prática", diz a arquiteta. Fátima conta que nunca levantou custos para as reformas, pois o projeto foi apresentado ao diretor do hospital na época, Paulo César de Oliveira, mas não houve disposição para ir adiante.

Em 1990, ano em que tomou posse o atual diretor-superintendente, Armando Taranto Jr., o Corpo de Bombeiros fez uma

inspeção no hospital e constatou irregularidades no prédio. Logo após o incêndio de seis de abril, o major Milton Antunes Lazzaris, do Centro de Atividades Técnicas da corporação afirmou à reportagem do ZER0 que, na época, o laudo foi apresentado à diretoria do hospital, mas que nenhuma providência foi tomada.

Taranto não tem conhecimento do alerta dos bombeiros e afirma que o prédio "não devia estar tão mal assim", uma vez que, nessa mesma época, uma comissão de Brasília esteve em Florianópolis para vistoriar o hospital, por ocasião da visita do Papa João Paulo II à cidade. O Papa seria atendido no Caridade, caso precisasse, e nenhuma exigência foi feita pela equipe: "O hospital era tido como referência", disse o diretor.

Ainda sem dinheiro, mas com um pouco mais de força de vontade, Taranto aproveitou esta visita do Papa para conseguir a criação do Centro de Serviços Especiais, que consistia em cirurgia geral e cardíaca, UTI e hemodinâmica. Conseguiu ainda a construção de uma caixa d'água de 50 mil litros, que mesmo embargada pelo IPUF, continuou abastecendo o hospital a seu pedido. O diretor-superintendente do Hospital de Caridade diz que na sua gestão os extintores eram revisados a cada seis meses e que a parte elétrica estava em ordem, além do hospital passar por vistoria dos bombeiros frequentemente.

Taranto vinha lutando pela reforma das alas Nosso Senhor dos Passos e São Camilo. Estas alas, duas das mais antigas do hospital eram construídas em madeira e estavam desativadas quando o fogo começou. "Não consegui por dificuldades econômicas e pelo descaso que hoje existe pelo patrimônio histórico", afirma.

Em 1991, o Serviço do Patrimônio Histórico e Natural do Município, Sephan, realizou mais um projeto de restauração, desta vez só da capela do Caridade. Mais uma vez o projeto ficou só no papel.

Flávia Rodrigues

Óleo sobre tela de Eduardo Dias: uma sucessão de puxados

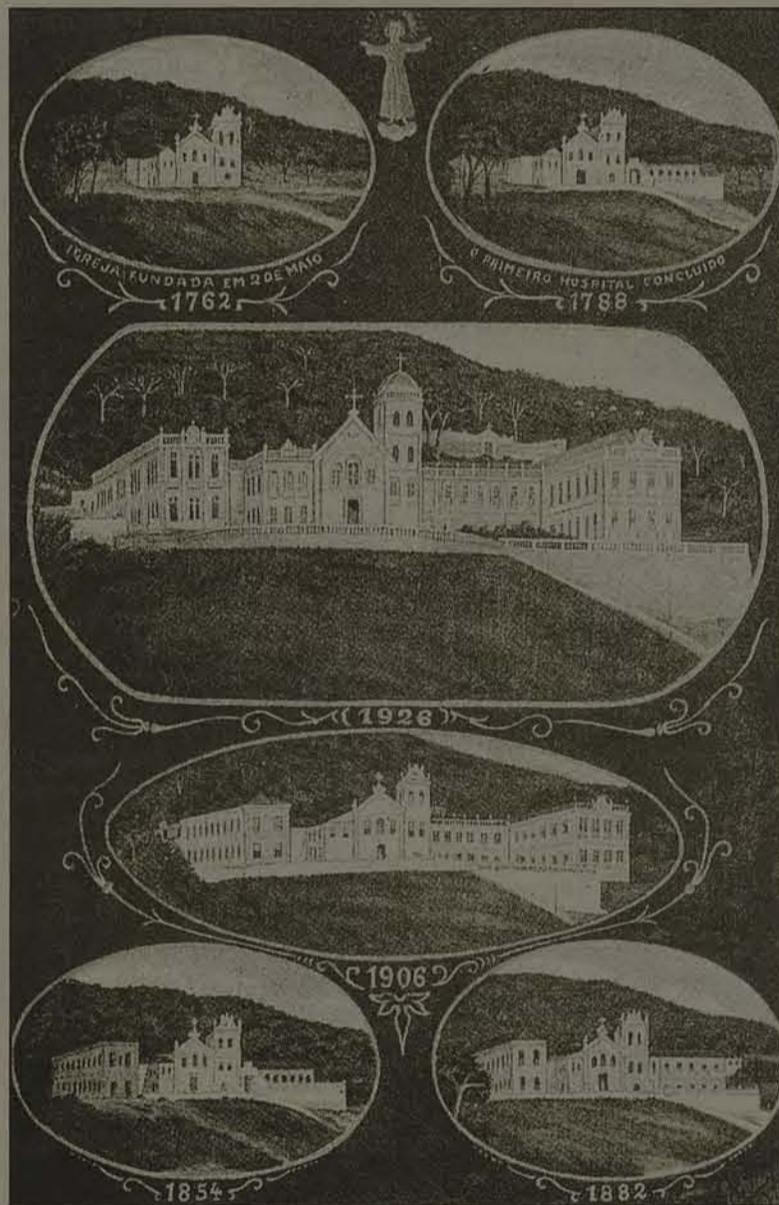
Encontro traz mostra de radiofusão

Educação, à distância, impasses da legislação, programação e produção universitária, recursos humanos e equipamentos em radiofusão são os temas centrais do 2º Encontro Nacional de Rádios, TVs e Produtoras Universitárias, de 24 a 27 de maio, no Hotel Castelmar, em Florianópolis. O Encontro é promoção do Departamento de Comunicação e do Curso de Jornalismo da UFSC e da Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação e do Desporto - SESU/MEC.

Estão confirmadas as presenças do presidente da Fundação Roquete Pinto, jornalista Francisco Teixeira, do gerente de produção da TV Cultura de São Paulo, Luiz Eduardo Crescente e do diretor de Relações Institucionais da Federação Nacional dos Jornalistas, Daniel Herz.

Nos dias 26 e 27 de maio haverá uma mostra paralela de vídeos e produções radiofônicas. As fichas de inscrição para o encontro e os trabalhos para a mostra paralela devem ser enviadas à organização executiva até o dia 17 de maio, no seguinte endereço:

Departamento de Comunicação/Curso de Jornalismo - UFSC. Campus Universitário - Trindade. Caixa Postal 476, CEP 88090-900 - Florianópolis - SC. Outras informações pelo fone (0482) 31-9210, ou pelo FAX (0482) 34-4069.



Governo sucateia Fatma

AFundação do Meio Ambiente de Santa Catarina (FATMA), único órgão de Fiscalização Ambiental do Estado, sofre atualmente sérios problemas na área de pessoal. Faltam funcionários para que o órgão possa funcionar de maneira adequada e o governo não realiza concursos para a contratação de novos empregados. Na década de oitenta o órgão tinha aproximadamente trezentos funcionários em Florianópolis, e hoje conta com apenas 179, oito dos quais em licença sem venci-

mento. Com esta tática, o governo pretende desmontar a Fatma e deixar a natureza nas mãos de empresários inescrupulosos.

As causas desta evasão de pessoal são os baixos salários e a política de governo, totalmente alheio a questão ambiental. Os salários dos funcionários com nível superior não chegam a 200 URVs. "O que salva são as gratificações, que as vezes são bem maiores que o salário", afirma um servidor da Fatma. O dinheiro que o governo deveria repassar ao órgão equivale

à aproximadamente 0,025% do orçamento total do estado, mas isso ele não cumpre.

Uma das áreas mais afetadas pelo déficit de pessoal é a fiscalização, totalmente ineficiente. Em Santa Catarina existem 170 fiscais, quando o ideal, segundo relatório da União Internacional para Conservação da Natureza (UICN) - seria de um fiscal por dez mil hectares, ou seja, o estado deveria ter 960 profissionais na área.

Para um dos funcionários, já

deveria ter sido rezada a "missa de sétimo dia" da FATMA. Sua afirmação, a prosseguir a atual situação, não vai demorar muito para ser realidade. Os projetos financiados com dinheiro da dívida externa, repassado pelo IBAMA, estão quase parados.

O órgão também enfrenta problemas administrativos. O principal é a constante troca da diretoria, geralmente ocupada por políticos. "Assim é impossível manter uma filosofia de trabalho", reclama um funcionário.

Paulo de Tarso

Diretores do BESC aumentam seus próprios salários

BESC CONFIANÇA DEPOSITADA PELO POVO

O Sindicato dos Bancários do Estado de Santa Catarina denunciou, no último dia 26, que diretores e membros do Conselho de Administração do Banco do Estado de Santa Catarina (Besc) legislaram em causa própria aumentando seus vencimentos. Segundo dados do sindicato, os salários chegam a 2600 URVs (CR\$ 3.200.000,00), mais abonos e outros benefícios. O prejuízo mensal da dívida é de 10 mil URVs.

A irregularidade foi aprovada pelo Conselho de Administração do Sistema Financeiro do Besc, em dezembro último. Criou-se uma auto-promoção que beneficia 25 diretores e ex-diretores que tenham completado 2/3 do mandato, ou seja, apenas dezesseis meses de trabalho. Cumprido este prazo, eles passariam automaticamente ao nível de referência salarial 30, do plano de carreira da

empresa, o grau máximo reservado apenas aos mais antigos e bem remunerados empregados.

Segundo o sindicato, a promoção da diretoria conflita com a situação dos demais setores do banco. Os empregados estão há cinco anos sem receber promoção, por mérito ou por antiguidade, por falta de avaliação do quadro de efetivos.

O sindicato ficou sabendo das promoções somente quatro meses depois da aprovação pelo Conselho de Administração, que deveria ter divulgado a decisão na época. A informação partiu de uma comissão dos próprios representantes da diretoria do banco.

O sindicato recebeu um envelope anônimo contendo os documentos que comprovam as gratificações irregulares. De posse dos documentos, a direção enviou cópias destes para as lideranças partidárias

na Assembléia Legislativa e ao governador Antônio Carlos Konder Reis. Também recebeu cópia o representante dos acionistas minoritários do Besc, Aloísio Costa, coincidentemente, um dos beneficiados com os ganhos.

O presidente do Sindicato dos Bancários de Florianópolis, Samuel Pantoja Lima, e o presidente do Departamento Estadual dos Bancários, Artur Machado, querem a revogação da decisão do Conselho de Administração do Besc e o ressarcimento ao banco das perdas desde janeiro, mês que os diretores ganharam a promoção. Para isso, pediram providências ao governador Konder Reis e protocolaram a denúncia na Casa Civil do Palácio de Santa Catarina. Se nada for feito a respeito, eles entrarão com uma ação na promotoria pública contra o Conselho.

O diretor de Recursos Hu-

manos do Besc, Arnaldo Ferreira dos Santos, negou a acusação do sindicato. Segundo ele, até agora, apenas três ex-diretores e quatro funcionários diretores foram enquadrados no nível 30. Santos informou ainda que esta medida é legal e existe em outros bancos estaduais.

"A denúncia é uma jogada política do sindicato, com a intenção de levar vantagem nas negociações de plano de cargos e salários do banco", disse Arnaldo Santos. Segundo ele, os empregados ficaram sem motivo de contestação depois que o governo aprovou o aumento diário de todos os salários.

O diretor afirma que a medida tem o objetivo de proteger o funcionário que venha a ser perseguido por mudança de grupo político dirigente. Ele confirma que vários diretores são perseguidos após troca de governo.

Maurício Xavier

MAIO 91 - ZERO

Romance conta tudo sobre ditadura

Salim Miguel estava dormindo, às três da manhã, quando um soldado começou a cutucá-lo com o fuzil, exigindo que fosse com ele. "Pra onde?" perguntou. "Não importa saber onde. Vamos", respondeu o soldado. Entraram num jipe, onde outro soldado os esperava. Circularam com ele pela cidade, ora em silêncio, ora conversando como se Salim não estivesse lá. Quando chegaram à ponte Hercílio Luz, um deles quis saber qual o impacto que um corpo causaria ao ser atirado dali ao mar, e o outro respondeu: "Só atirando pra saber".

O escritor e jornalista viveu essa história há trinta anos atrás, mas ainda sente arrepios só de contá-la. Ela faz parte do livro "Primeiro de Abril - Narrativas da Cadeia" (ed. José Olímpio, RJ), que foi lançado no último dia 26, no Restaurante Reçaka. O título refere-se ao dia 1º de abril de 1964, verdadeira data do golpe, que é divulgada como 31 de março. O livro é o primeiro a relatar os eventos ligados à instauração do regime militar fora do eixo Rio-São Paulo.

Salim deu, a contragosto, o título de "Passeio" ao capítulo em que relata a involuntária visita à ponte. Apesar de não ter sofrido torturas físicas, garante que as psicológicas, como essa, eram bem piores.

Ele ficou 48 dias num alojamento com outras 60 pessoas e começou a anotar dados pessoais dos outros presos e os motivos das prisões. "Foi mais

para aliviar a descarga emocional", diz. No entanto, ele acredita que, inconscientemente, talvez já estivesse pensando em transformar em livro suas anotações.

Nesse caso, o que fez com que se passassem trinta anos entre o cativo e a produção do Livro? Salim diz que saiu de lá profundamente indignado, e "a indignação é péssima conselheira literária. Além disso, o golpe completou trinta anos e o escritor fez 70. "São duas datas redondas", brinca.

Não faltaram casos engraçados durante o cárcere. Havia um preso de São Joaquim, era agiota, mas foi encarcerado como subversivo. "Provavelmente algum devedor plantou essa denúncia", diz Salim. Ele ficou oito dias preso. Quando descobriu que era um agiota, foi solto em seguida.

Salim foi preso por motivos igualmente obscuros. Apesar de nunca ter pertencido a um partido de esquerda, era conhecido por todos como um comunista de carteirinha e membro da cúpula do partido, o que não fazia questão de negar, já que, mesmo sem filiação, sempre foi de esquerda. Ele era, isso sim, chefe do escritório da Agência Nacional, órgão de divulgação do Governo Goulart, e da assessoria de imprensa do governador Celso Ramos, altamente suspeito para a época.

Além disso, foi dono da única livraria da cidade onde se vendia livros publicados por autores de esquerda e que acabou incendiada, pouco depois da sua detenção, pela fúria censora dos mili-

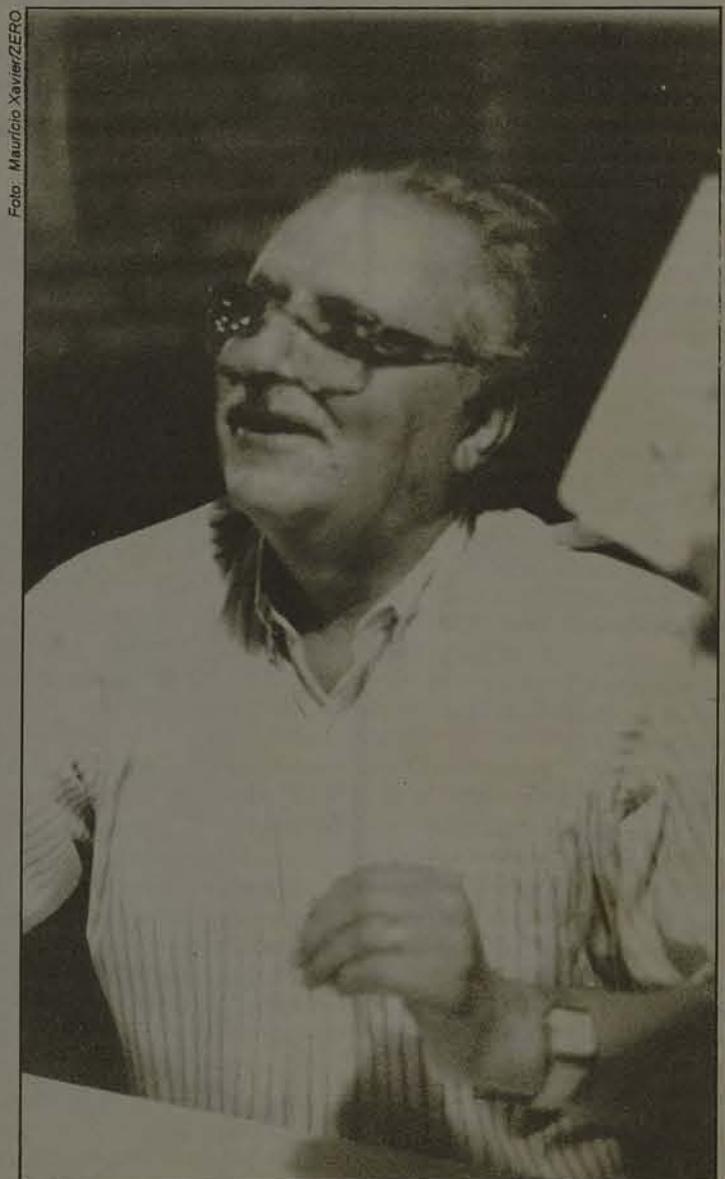
tares. Na prisão, ficou sabendo da história por um rapaz recém-detido e, quando escutou que "a livraria de um tal de Salim havia queimado" disse em tom de brincadeira: "O tal de Salim sou eu e a livraria não é minha há cinco anos". Ele tinha vendido a livraria em 59, mas todos a conheciam como: "A livraria do Salim".

O lado trágico da história foi a queima dos livros. Fossem ou não de esquerda, foram todos destruídos e fizeram o padre Braum, do tradicional Colégio Catarinense, exclamar: "Meu Deus do céu, será que voltei à Alemanha de Hitler?"

Mesmo sem incêndios, há uma carência quase absoluta de livros sobre o regime militar fora do Rio e de São Paulo. Salim atribuiu isso a uma falta de conscientização das pessoas que viveram esse período sobre a importância de um depoimento. "Talvez haja também uma vontade de não lembrar que aquilo aconteceu", diz o escritor.

Existem, segundo ele, motivos para se querer "escamotear" o que aconteceu, mas não concorda com a afirmação do jornalista Paulo Francis, que também lançou recentemente um livro sobre o período, de que a juventude está desinformada sobre o que foi 64. Ele diz que depois de ter sido anunciado o lançamento do livro, inúmeros jovens o procuraram querendo saber mais. "São raríssimos os que não sabem quase nada".

Alexandre Wink



Salim Miguel resgata suas memórias do cárcere

Cem anos de humilhação

Movimento contesta o nome Florianópolis, homenagem da cidade ao próprio carrasco

“Um pedacinho de terra perdido no mar” foi uma das metáforas que Cláudio Alvim Barbosa, o “poeta Zininho”, usou no *Rancho de Amor à Ilha*. A canção, considerada praticamente o hino de Florianópolis, tem a peculiaridade de enaltecer a cidade sem jamais chamá-la pelo nome - e não é por acaso. “Um lugar tão lindo merece algo melhor que esse palavrão”, justifica o compositor.

O “palavrão” está fazendo cem anos. Por decreto do então governador Hercílio Luz, a cidade deixou de se chamar Desterro para homenagear Floriano Peixoto. É uma ironia absurda. O “ato heróico” do Marechal de Ferro foi ter mandado fuzilar, na ilha de Anhatomirim, duzentos supostos colaboradores da Revolta da Armada, que tentou tirá-lo da presidência em 1893 (leia quadro).

Sempre latente, a indignação com essa homenagem ameaça se manifestar como nunca neste ano. O primeiro passo foi a criação de um movimento, batizado de “Cem anos de humilhação”, pela troca do nome de Florianópolis. “É preciso acabar com a reverência a esse criminoso cada vez que se pronuncia ou se escreve o nome da cidade”, diz o advogado e ex-presidente da OAB/SC Antônio de Freitas Moura, líder do Movimento, que conta com o apoio da Associação Catarinense de Imprensa, de estudantes universitários e da quase unanimidade dos intelectuais da cidade.

Beirando os oitenta anos, Moura se lançou na empreitada com um idealismo de

fazer inveja a qualquer cara-pintada. baseado no prestígio construído ao longo de uma carreira íntegra, ele conseguiu que a Assembleia Legislativa criasse uma comissão para discutir o assunto com a Câmara dos Vereadores, já que a questão é de alçada municipal.

Erros do passado - Não é a primeira vez que se tenta, literalmente, apagar o nome Florianópolis do mapa. Em 1990, a vereadora Jalila El-Achkar (PV) apresentou uma emenda à Lei Orgânica da cidade propondo a volta de Desterro. No dia da votação, obteve unanimidade contra. “Foi uma decepção. O assunto nem foi discutido”, lembra Jalila, que não contou nem com o próprio voto porque havia ganhado a primeira filha na véspera.

Hoje ela acha que impor o nome foi um erro. “Desterro tem uma conotação negativa, é baixo-astral. Melhor seria promover um plebiscito e, caso a população aprovasse a troca, um concurso para definir o novo nome”, pondera. A ideia é aprovada por Zininho. “Alguém com inspiração certamente encontraria o nome ideal para este paraíso”, diz o poeta.

O problema de um eventual plebiscito é que a maioria das pessoas não conhece a história do massacre de Anhatomirim (veja no texto ao lado o resultado da pesquisa). E, o que é pior, muitos dos que conhecem simplesmente a desprezam. “As pessoas daquela época já morreram e o tempo enterrou essa história. O nome Florianópolis se tornou bonito porque a cidade é”, afirma Cacau Menezes, colonis-



Cena do fuzilamento de Anhatomirim no filme *Desterro*, premiado no Festival de Gramado de 1992

ta social do *Diário Catarinense*. Seguindo o mesmo raciocínio, poderia-se dizer que os crimes de Hitler serão esquecidos quando morrer o último contemporâneo do nazismo.

Cacau Menezes completa dizendo que sugerir a troca do nome da cidade é “falta do que fazer”. Pode até parecer uma preocupação menor num país de 32 milhões de miseráveis, mas é preciso lembrar que muito do que o Brasil é hoje se deve ao fato de não aprender com os erros do passado. Um exemplo disso é que, apesar de manchar de sangue a história de Florianópolis,

o massacre de Anhatomirim é ignorado nas escolas, onde Floriano é descrito com o heróico perfil de “consolidador da República”.

Quinto mandamento - O prefeito Sérgio Grandão concorda que a homenagem é injusta, mas, paradoxalmente, reprova a troca do nome. “Seria inviável”, resume. A solução que ele encontrou, simplista ao extremo, é dar outro sentido ao nome.

“Poderíamos aproveitar a presença do prefixo flor. Florianópolis deixaria de ser a cidade de Floriano para ser a cidade das flores”, sugere. É mais um indicio de que a

cidade, numa espécie de pacto silencioso firmado por diversos interesses, prefere esquecer o passado a discuti-lo.

Só apelando ao sobrenatural o artista plástico Gelci José Coelho, o “Peninha”, consegue explicar a permanência do nome.

“Florianópolis é uma palavra traçoira, bruxóica, que seduz porque é gostosa de falar”, ironiza o herdeiro artístico de Franklin Cascaes - de quem incorporou o vocabulário e algumas atitudes, como a de repúdio à figura de Floriano.

Na verdade, Peninha recorre à sagacidade para demonstrar que os argumentos

contra a mudança não são sólidos. Há quem se justifique invocando a simpatia causada pelo apelido Floripa, que, difundido principalmente entre os jovens, tem sido a salvação dos estrangeiros que acham Florianópolis muito difícil de pronunciar.

Outro argumento, talvez o principal, é o de que a mudança prejudicaria o turismo. “O marketing da cidade está sendo feito há muito tempo, e trocar o nome significaria recomeçar do zero”, analisa Homero Gomes, Assessor Técnico da Secretaria de Turismo. “Investir dinheiro nisso seria um pecado”. Pecado por pecado, o de Floriano parece bem maior.

Último Amanhecer - Ignorando as contra-indicações, grandes cidades já trocaram de nome. Istambul, na Turquia, já foi Constantinopla; Ho Chi Minh era Saigon antes da Guerra do Vietnã; e a russa São Petersburgo, ex-Petrogrado, foi Leningrado por algumas décadas.

Em todos os casos, a História tratou de “desmoralizar” os nomes antigos - e foi imediatamente acatada.

Acontece que por aqui a História não recebe a devida atenção. O massacre de Anhatomirim, esquecido por muito tempo, só foi brevemente lembrado em 1992, com a premiação do curta-metragem *Desterro* no Festival de Cinema de Gramado. “Quis mostrar a suprema humilhação de um povo que entregou o nome da sua cidade ao seu maior algoz”, conta Eduardo Paredes, diretor do filme. “Me surpreendi com a ignorância dos brasileiros a respeito de sua história. Quando o filme era exibido no exterior, as pessoas ficavam muito mais indignadas do que as daqui.

Não entendiam porque o nome da cidade não era mudado”, observa.

Paredes faz parte de um grupo de intelectuais que se recusa a escrever Florianópolis nas cartas e nos cheques. Ele usa Ilha de Santa Catarina e, curiosamente, as cartas

chegam ao destino e os bancos aceitam normalmente os cheques. José Gatti, professor de cinema da Universidade Federal de Santa Catarina, prefere Desterro. “A população tem que se manifestar, negando o nome que homenageia um assassino”, protesta.

Outro que pretende polemizar sobre Floriano é o historiador e ator Ricardo Goulart, que teve um tio-trisavô fuzilado em Anhatomirim. Ele está lançando o livro *Os Fuzilamentos de Anhatomirim ou Crônicas do Último Amanhecer*, um ensaio sobre a ideia de República no Brasil. O último capítulo, que dá nome à obra, conta o que foi passado de boca em boca sobre o fuzilamento. “Sei que vou ser atacado pelos ‘senhores da academia’, porque contesto a história oficial”, prevê o autor.

Drama de consciência - Goulart traz até hoje uma cicatriz no supercílio, resultado da participação no conflito que entrou para a história como *Novembrada*. Em 1979 o então presidente General João Figueiredo visitou Florianópolis em meio a uma campanha de popularização do governo militar. Os jornais anunciaram que a comitiva, na intenção de ser simpática com a população local, estava trazendo uma placa de bronze homenageando justamente Floriano Peixoto.

Não poderia ter sido maior o erro de avaliação. A multidão, aglomerada em frente ao Palácio do Governo, foi trocando os tradicionais gritos de protesto, como “abaixo a carestia”, por palavras. Enquanto Figueiredo respondia da janela do Palácio com gestos obscenos, a Polícia entrava em ação, transformando a pacata Praça Quinze de Novembro - ironicamente, dia da Proclamação da República - numa praça de guerra. O conflito durou nada menos que doze horas. Depois dele, ninguém mais ousou tripudiar sobre o drama de consciência de uma cidade que luta para esquecer seu passado.

Textos:
Maurício Oliveira

Colaboração:
Suyanne Quevedo
André “Bob”
Barbosa

MAIO 91 - ZERO

Todos os nomes da Ilha

Antes de ser batizada de Desterro, a Ilha teve outros nomes. Para os índios carijós, era Meieimbipe, que significa “montanha do mar”. No começo do século XVI, os portugueses a batizaram de Ilha dos Patos, enquanto Sebastião Caboto, navegador veneziano a serviço da Espanha, preferiu Ilha de Santa Catarina, provável homenagem a Santa Catarina de Alexandria - embora muitos historiadores achem curiosa a coincidência com o nome da esposa de Caboto, Catarina Medrano.

O povoado só foi estabelecido em 1673 pelo bandeirante Francisco Dias Velho, vindo de São Paulo. Lembrando a fuga de Maria para o Egito, salvando Jesus da fúria assassina de Herodes, Dias Velho batizou o povoado de Nossa Senhora do Desterro, a quem dedicou a capela construída no local onde hoje está a Catedral de Florianópolis.

Logo foi adotada a simplificação Desterro, nome que nos últimos anos de vigência causava polémica porque lembrava, para muitos, um sentimento deprimente - o de estar distante da terra natal. Até hoje, este é um dos principais argumentos contra a volta do nome. Em 1888, sabe-se lá por que cargos d'água, um membro da Assembleia Provincial sugeriu que a cidade passasse a se chamar Ondina. Seis anos depois, não houve resistência à homenagem do governador Hercílio Luz a Floriano Peixoto.

Floriano Peixoto: uma vida de traições

Quinto dos dez filhos de humildes lavradores alagoanos, Floriano Peixoto (1839-1895) foi influenciado pelo padrinho, um coronel, na escolha da carreira militar. Mesmo com o frágil porte físico, obteve prestígio ao participar das batalhas decisivas da Guerra do Paraguai (1870), de onde trouxe, como lembrança, a manta do cavalo do ditador paraguaio Solano López, morto em combate.

Em 1889, apesar de chefear o quartel-general onde estava sendo preparada a resistência da família real à Proclamação da República, Floriano se negou a enfrentar as tropas que depuseram a monarquia. Um dos líderes do golpe, o também Marechal Deodoro da Fonseca, governou provisoriamente até ser confirmado pelo Congresso em 1891. Floriano, candidato da chapa derrotada, ficou com o cargo de vice-presidente e, tendo parte considerável do Congresso a seu favor, foi convidado para o Ministério da Guerra.

Quando, Deodoro começa a se desentender com o Congresso, que empenra suas reformas econômicas, Floriano passa a liderar a oposição ao presidente. A tensão entre executivo

e legislativo chega a tal ponto que Deodoro opta pela dissolução do Congresso. O Almirante Custódio José de Mello, líder da Armada (antigo nome da Marinha de Guerra), ameaça bombardear a cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, e força a renúncia de Deodoro.

Floriano assume a presidência e demite todos os governadores nomeados por Deodoro, exceto Júlio de Castilhos, do Rio Grande do Sul, o que detona a Revolução Federalista, uma guerra civil pelo poder naquele estado. Alguns dos militares que ocupam os principais cargos políticos do governo esquecem a hierarquia e criticam o presidente através dos jornais. Treze generais publicam um manifesto declarando que Floriano deveria convocar novas eleições por não poder governar legalmente até o término do mandato de Deodoro. O Marechal de Ferro reage censurando a imprensa - o *Jornal do Brasil* fecha as portas por mais de um ano.

Da mesma forma que havia feito dois anos antes com Deodoro, Custódio de Mello, nomeado Ministro da Marinha por Floriano, ameaça

bombardear o Rio de Janeiro para forçar a renúncia do presidente. Floriano não cede e Custódio de Mello cumpre o prometido: bombardeia, com 18 navios, a capital federal em vários pontos, levando pânico à população.

Auxiliado pelo exército, Floriano enfraquece a revolta da Armada. Foi escolhida, Custódio de Mello e seus comandados fogem para o sul do país, onde se desenrola a Revolução Federalista. Apesar de terem a mesma motivação imediata - depor o presidente -, os líderes dos dois movimentos não chegam a definir ações em conjunto.

Por sua posição estratégica, Desterro foi escolhida, com apoio de grande parte da população, sede do governo revolucionário. Os revoltosos se reuniram para declarar a cidade, de apenas 20 mil habitantes, “capital paralela do Brasil”. Foi da ata dessa reunião que saiu a maioria dos nomes dos fuzilados.

Bastaram seis meses para que a rebelião de Desterro fosse abafada pelas tropas federais. Enviado por Floriano, o Coronel Antônio Moreira César escolheu a fortaleza de Anhatomirim, uma ilha da baía norte da Ilha de Santa

Catarina, como palco da punição, no dia 25 de abril de 1894. O número de mortos varia conforme o historiador, mas gira sempre em torno de duzentos - Custódio de Mello escapou -, a maioria militares acusados de traição, sem direito a julgamento ou à defesa. Com os olhos vendados, puderam apenas confabular com o céu por alguns instantes antes de serem fuzilados. Menos “sorte” tiveram os civis, simplesmente degolados a facão.

O episódio é evocado numa das principais obras da literatura brasileira, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1911), de Lima Barreto. O Major Quaresma, nacionalista extremado, largou a vida tranquila do campo para apoiar Floriano na Revolta da Armada. O convívio, entretanto, revela a figura desumana de Floriano e fez com que Quaresma passe a se manifestar contra as prisões e mortes injustificadas. Resultado: o triste fim de Policarpo Quaresma é exatamente o mesmo dos que tombaram em Anhatomirim.

É fácil imaginar o abalo que o massacre causou na pequena Desterro: proporcionalmente à população de hoje, seria como matar quatro mil pessoas num mesmo dia. O

crime de Floriano é, no mínimo, culposo. Lavou as mãos ao dar carta branca a Moreira César, reconhecida imediatamente um desequilibrado, descrito por Euclides da Cunha em “Os Serpentes” como tendo “o temperamento desigual e bizarro de um epilético provado, incluindo a instabilidade nervosa de doente grave de placidez enganadora”. Mário Vargas Llosa dedicou a ele vários trechos de *A Guerra do Fim do Mundo*: “é um fanático e, como todos os fanáticos, é perigoso (...) você sabe o que ele fez na Fortaleza de Anhatomirim, por ocasião da revolução federalista contra o Marechal Floriano? Mandou executar 185 pessoas indefesas. Ele queria dar um exemplo...”

A ficha criminal de Moreira César o credenciou para governar Santa Catarina até a nomeação de Hercílio Luz, que no primeiro dia de outubro de 1894 trocou sem nenhuma resistência o nome da cidade - contrariando o costume da “homenagem póstuma”, já que Floriano ainda estava bem vivo, e governando. O destino, sempre irônico, não poupou o próprio Hercílio Luz das homenagens: hoje ele é avenida, ponte, aeroporto e até time de futebol.



Imagem de Nossa Senhora do Desterro na Catedral Metropolitana

Betinho agora é doutor

**Sociólogo
recebeu título
"Honoris Causa"
pela UFSC**

ZERO - MAIO 94

Ação da campanha na Ilha

Durante os dois dias em que permaneceu em Florianópolis, Betinho pôde ver o que está sendo feito pela campanha através do comitê regional. No dia 13 de abril, após receber o título, participou da abertura da Conferência Regional de Segurança Alimentar. Durante três dias ela elaborou e discutiu propostas alternativas para a superação da fome na região.

Na manhã do dia seguinte ele visitou a Escola Básica Américana Dutra Machado, favela Chico Mendes na periferia de Florianópolis. Foi desta passagem que Betinho levou uma das melhores imagens de sua terceira viagem a esta cidade. As crianças, primeiro arredias a presença dele logo perderam a inibição e começaram a pedir-lhe autógrafos. A certa hora faltou papel, oferecemos as mãos para que escrevesse nelas.

Na favela Chico Mendes são desenvolvidos dois projetos junto a comunidade: Os Armazéns Comunitários, que estão em outras onze comunidades de Florianópolis. A experiência tem por objetivo revender alimentos a preço de custo às 2800 famílias cadastradas que consomem cerca de dez toneladas semanais em produtos da cesta básica. Há também as oficinas do saber presentes em outras três comunidades onde é prestada orientação escolar a crianças de 7 a 10 anos de idade. Ela dá ao ato de alfabetização uma postura crítica de formação da cidadania.

Saindo de lá Herbert foi a praia do Sambaqui, onde fica o Laboratório de Cultivo de Moluscos Marinhos, uma iniciativa da UFSC que, há oito anos desenvolve a parceria com os pescadores locais em torno da criação de ostras e mariscos. Carlos Rogério Poli, 45 anos coordenador da pesquisa salienta que o trabalho desenvolvido pelo laboratório evita desocupação dos pescadores no período de defeso, e desenvolve no pescador a consciência da preservação do mar, criando a produção racional.

De lá Betinho levou uma caixa de isopor com ostras cultivadas pelo laboratório. No voo das 13h30min, retornou para o Rio de Janeiro onde voltou às suas atividades como Secretário Executivo do Ibase.

Anistia de 1979 trouxe de volta para o Brasil pessoas que haviam sido banidas pela ditadura. Mas ainda restam muitos exilados, cerca de 32 milhões e em território brasileiro. Ser cidadão não é apenas existir, é poder lutar por uma vida digna. Quem passa fome não pode optar nem na sua própria alimentação.

O sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, voltou ao Brasil após nove anos de exílio, mas logo a alegria do retorno foi substituída pelo desencanto com a realidade de um país que trata pessimamente o seu povo. Todo o sentimento de liberdade e responsabilidade adquirido com a anistia serviu como base para o pensamento que agora dá força à campanha Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida. Ele é o articulador nacional desde seu início em 1993, quando o movimento pela Ética na Política concluiu que democracia e miséria são incompatíveis. A partir daí, começou um gigantesco processo para conscientizar a sociedade da realidade que é ter uma Argentina passando fome em nosso país.

Por todo seu trabalho, este mineiro de 58 anos recebeu o título de Doutor Honoris Causa, concedido pela Universidade Federal de Santa Catarina. O reconhecimento foi proposto pelo Diretório Central dos Estudantes, na gestão Cara Pintada ainda em 1993. E o processo foi aprovado de forma unânime, fato inédito no que é a maior dignidade universitária. Antes dele somente Dom Helder Câmara, Ulysses Guimarães (post-mortem) e Fidel Castro receberam o título.

A solenidade de entrega, realizada no dia 13 de abril, teve início às 17 horas e foi assistida por um público de aproximadamente quatro mil pessoas. "Recebo este título num momento de inquietação, sofrimento e porque não dizer, de guerra". Aos jovens mandou um conselho: "Sigam suas próprias consciências, só assim serão vocês

mesmos".

Betinho considera-se uma pessoa alimentada por cinco princípios: liberdade, igualdade, diversidade, participação e solidariedade. Que devem vir juntos constituindo as bases da democracia. Uma reserva de energia, extraordinária constitui sua personalidade. Em 1988, dois anos após descobrir-se portador do HIV, sentiu com as mortes dos irmãos Henfil e Chico Mário (também aidéticos) que chegava a sua hora. Estamos em 1994 e a doença que o fez perder o medo de qualquer coisa ainda não conseguiu levá-lo. Hoje sua imagem é tão forte quanto da Ação da Cidadania, com um traço muito peculiar que é o de enfrentar à mesma altura todos os desafios que a vida lhe propõe.

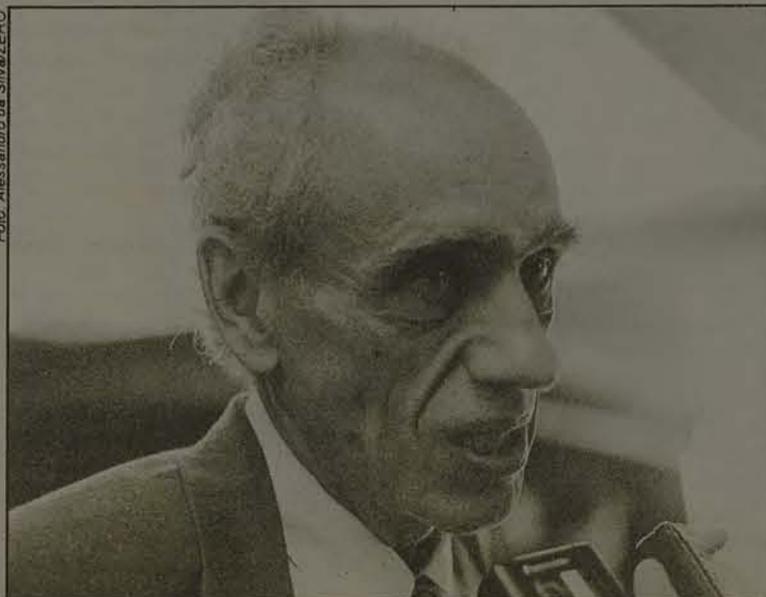
Associar a realidade de ser soropositivo à idéia de vida é mais uma de suas lutas. E promover a valorização da vida através da Associação Brasileira Interdisciplinar da AIDS (ABIA), e Instituto Brasileiro de Análises Sócio-Econômicas (IBASE) e da Ação da Cidadania.

Em todo o território nacional cerca de 4000 comitês estão trabalhando em torno da campanha Ação da Cidadania. Não há pré-requisitos para formar um comitê, todos estão convocados. Os objetivos são claros: a primeira fase da campanha foi da distribuição de alimentos e o estudo das causas estruturais da miséria e da fome. Na segunda fase, a geração de empregos torna-se o foco e a proposta é diminuir o percentual de encargos sociais por um ano, possibilitando a geração de 9 milhões de empregos com remuneração anual de US\$ 1.300. Se não acaba com a pobreza, ataca ao menos as bases da indigência".

E a terceira fase, Betinho?

"Ela vai no sentido da tomada de consciência, estou discutindo e pensando. Inclusive pergunto a vocês qual deveria ser a terceira fase. Terminada a miséria, o que nós queremos do país? Será que a terceira vai ser a busca da felicidade?"

Mas no caminho da Ação da Cidadania há vários perigos. O mais temido é o assistencialismo, o simples ato de dar, que não cria condições para questionamento



De ex-guerrilheiro e exilado político a herói nacional



Betinho continua jornada pela solidariedade e cidadania

ou ruptura das desigualdades sociais. A posição de Betinho é clara: "quem tem fome precisa comida, em forma de assistência, não de assistencialismo".

Apesar de ser o mais grave, não é o único. Há também o risco da campanha tomar para si as obrigações do Estado. Para Betinho o governador só se move via sociedade, e explica, "você tem que empurrar, mas com jeito. Esta é uma das bases da ação; parceria governo e sociedade".

Quanto a possíveis aproveitadores, ele não se preocupa, mas adverte: "o bonde da cidadania não tem estribos para se pendurar, tem que entrar pela porta da frente e sair pela que deve".

Não bastasse todos estes entraves, o sociólogo ainda enfrenta o preconceito em relação ao vírus do qual é portador. No entanto esclarece que a discriminação ao aidético provém do pavor que as pessoas sentem do homossexualismo. Sendo hemofílico, Betinho é quase um "perdoado" por ser soropositivo.

Mas isso não acontece só aqui. A onda do politicamente correto parece que é um movimento apenas artístico-cultural para os americanos do norte, não manifestando-se sequer em sua legislação. Nos EUA a AIDS é doença proibida, e vistos de entrada não são concedidos a soropositivos. Betinho foi, chamou a imprensa e denunciou a discriminação.

Cuba é outro caso fantástico, conta o sociólogo. Lá os aidéticos são mantidos em uma área determinada, semelhante ao tratamento dado aos leprosos no início da era cristã. "Como é que sabendo tanto, aquele governo comete um

erro tão grande".

E a mídia, Betinho?

"Podemos pensar dela o que quisermos, a verdade é que ela é o sistema de comunicação que a sociedade moderna tem. Temos que conviver com a mídia, trabalhar com ela e lutar passo a passo para que seja um instrumento do público e não do privado".

Com isso, Betinho avalia que o problema do recebimento de dinheiro dos bicheiros recolocou em prática a discussão sobre ética. Para ele, o problema é na verdade político. "Era como se eu estivesse numa arena, só que não tinha capa para me proteger e os touros vieram em cima na primeira oportunidade oferecida, que foi este episódio. E eu que seria naquela lista a pessoa menos afetada, recebi toda a atenção desviada, como querendo me destruir, jogar no chão com uma fúria de gente que quer liquidar comigo ou com Nilo Batista, ou com o Brizola, ou com nós três juntos e com tudo o que tiver atrás".

Lembra que 1994 é um ano de eleições e coloca que esta força destruidora é motivada pelo poder que vê seus privilégios sendo ameaçados com o crescimento da consciência de ética no país.

Betinho acredita que este momento pode ser altamente positivo para o Brasil, mas previne-se; "eu estava de peito muito aberto, mas daqui até a eleição vou andar com todo o cuidado. Acordar de manhã e colocar um galinho de arruda atrás da orelha, rezar um pai-nosso e uma ave-maria".

**Joice Sabatke
e Lúcio Baggio**

Obscuro objeto da loucura

Cinema completa onze anos sem o absurdo e a ironia de Luís Buñuel

Os filmes de Luis Buñuel, cineasta espanhol de Calanda, sempre serviram de fronteira entre as fantásticas interpretações psicanalíticas e a mais completa e imbecil bobagem. Integrante do movimento surrealista do início da década de 30, Buñuel nunca pareceu dar muita atenção aos comentários e críticas acerca de seus filmes. Costumava dizer que o cinema havia sido inventado para expressar a vida subconsciente: sonhava com alguma coisa e tratava de encaixar o sonho no meio dos filmes, independentemente de alguma relação entre os dois. Onze anos após a sua morte (1983), pouco antes de completar 83 anos, nada mais justo do que reviver algumas passagens que marcaram a debochada e irreverente personalidade do cineasta espanhol. A partir de agora, tudo o que o leitor ficará sabendo foi extraído de seu livro autobiográfico "Meu Último Suspiro", escrito com a ajuda de Jean-Claude Carrière, roteirista com quem fez seus últimos trabalhos.

Buñuel afirmava que três objetivos atraíram-no ao movimento surrealista incipiente da década de 30: luta contra as desigualdades sociais, contra a influência embrutecedora da igreja e contra o militarismo grosseiro e colonialista. Antes disso, em 1928, já havia realizado "Um Cão Andaluz", seu primeiro filme, patrocinado pela mãe e com apenas 15 escandalosos minutos de duração. Este filme atraiu o interesse dos surrealistas, que chamaram Buñuel para participar das reuniões do grupo em 1929. Delas participou até 1933, mas as idéias do grupo de Paris refletiram-se em quase todos os seus filmes e em várias de suas atitudes durante a vida.

Um dos líderes do movimento surrealista, o escritor francês André Breton,

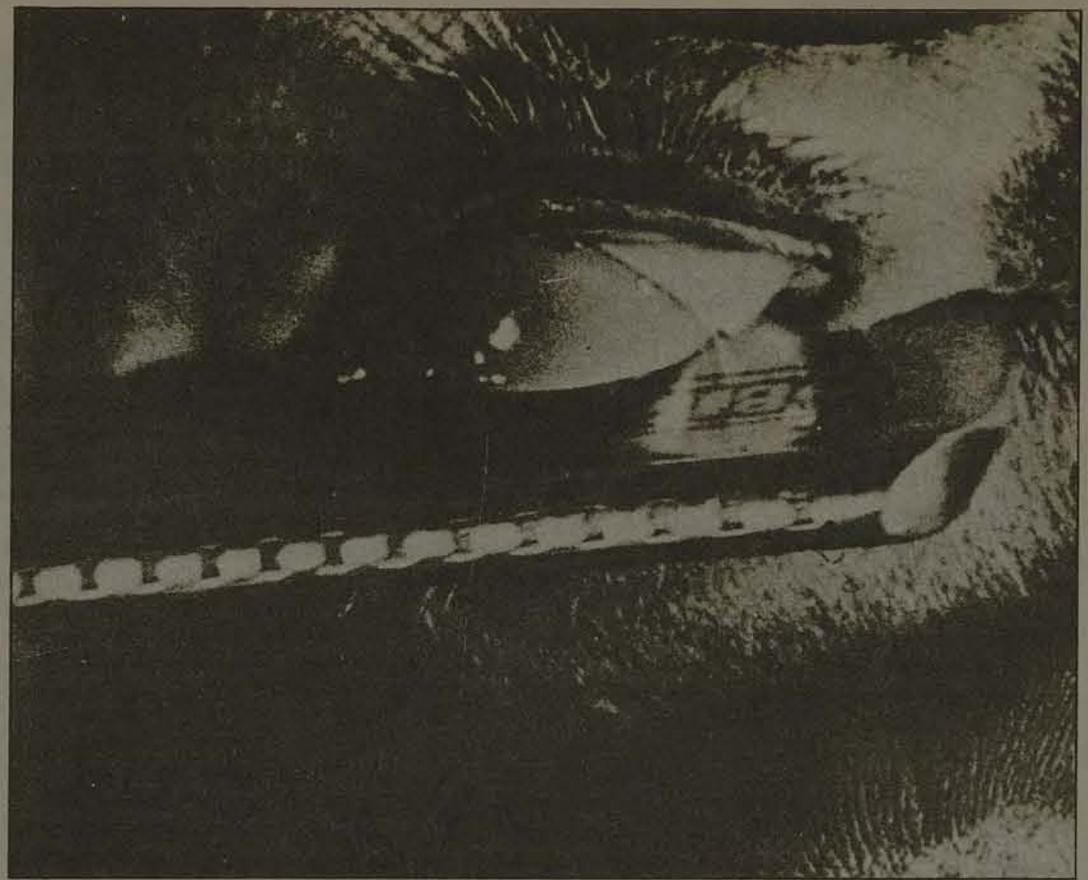
amigo íntimo de Buñuel, costumava dizer que o gesto surrealista mais simples consiste em sair à rua, revólver em punho, e atirar ao acaso na multidão. Se não chegou a fazer coisas parecidas como esta, o cineasta espanhol, por diversas vezes, teve atitudes que pelo menos encarnaram o espírito irracional da frase de Breton. Quando estava em Madrid estudando Agronomia, ficou com ódio, que ele mesmo julgou inexplicável, de seu amigo e companheiro de quarto. Isso porque o sujeito, chamado Juan Centeno, penteava os cabelos apenas até o cocuruto, dei-



"Divirto-me com as tentativas de explicar meus filmes"

xando a parte de trás embaçada. Este fato, a que Buñuel chamou de "desvio obscuro do inconsciente", foi lembrado numa curta cena de "O Anjo Exterminador" (1962).

Árvore Miserável - O furor causado por "Um Cão Andaluz" e seu filme seguinte, "A Idade do Ouro" (1930), despertou o interesse da Metro - Goldwin Mayer, que o convidou a fazer um "estágio" nos seus estúdios em Hollywood. Durante seis meses, Buñuel ganharia 250 dólares por semana (em 1930) para, de acordo com o representante geral da Metro na Europa,



Quando a navalha encontra o olho: escândalo de Cão Andaluz

ver como se realizava um filme. Acabou não cumprindo seu contrato, pedindo demissão quando completava quatro meses de vida americana. Mesmo assim, não pôde deixar de realizar mais um de seus manifestos surrealistas.

Durante a ceia de natal de 1930, na casa de Tono -

despedaçar uma árvore de Natal. Esfolamos inutilmente as mãos. Então, pegamos os presentes e atiramos ao chão, para pisoteá-los".

Quando voltou para Europa em 1931, morou inicialmente em Paris, fazendo dublagens para a Paramount e retornando a Madrid em 1934. Com o início da guerra civil espanhola, em 1936, Buñuel teve que transferir sua esposa e seus dois filhos para Paris novamente, ficando ele na Espanha. Exilou-se nos EUA em 1940, indo trabalhar no Museu de Arte Moderna da Califórnia, já que era formado em História. Ficou lá até 1946, quando foi para o México, onde viveu o resto de sua vida e realizou 20 dos seus 32 filmes.

De 1961 a 1977 perambulou entre a Espanha e a França (mas sempre morando no México) dirigindo algumas obras primas como "Via Láctea" (1968), "O Discreto Charme da Burguesia" (filme vencedor do Oscar de filme estrangeiro em 1972, prêmio esnobado por Buñuel) e "Esse Obscuro Objeto do Desejo", seu último filme, produzido em 1977. Nesse filme, Buñuel utilizou duas atrizes para fazer a doméstica Conchita, que enlouqueceu de desejos o empresário de meia-idade Fernando Rey (falecido no ano passado). Buñuel, num de seus últimos atos públicos de deboche, "explicou" as duas personalidades de Conchita porque Maria Schneider, atriz que faria o papel, desistiu. Por isso, ele foi obrigado a substituí-la por outras duas, Carole Bouquet e Angela Molina.

Clayton Haviaras

MAIO 9 - ZERO

Mostra do CIC privilegiou fase mexicana

Embora a mostra "10 anos sem Buñuel" (Exibida no CIC até 8 de maio) foi uma excelente chance para se conhecer o trabalho do diretor espanhol, alguns de seus filmes mais importantes não estavam entre as obras exibidas. Alguns por já terem sido exibidos anteriormente, outros por falta de cópias disponíveis. O que não chega a ser problema, visto que seus principais filmes - com exceção dos dois primeiros - já estão disponíveis em vídeo.

"Nazarin", realizado no México em 1958, talvez seja seu filme mais difícil de ser encontrado nas locadoras. Mas vale a pena procurar a fita, onde Buñuel mostra, através de um padre, suas idéias polémicas sobre religião católica. Valeu a ele o prêmio da crítica em Cannes.

As obras que realizou na França com o produtor Serge Silberman também estão nas locadoras. "A Bela da Tarde" (estrelado por Catherine Deneuve), "Via Láctea", e a famosa trilogia final do diretor ("O Discreto charme da Burguesia", "O Fantasma da Liberdade" e "Esse Obscuro Objeto do Desejo") são talvez seus melhores filmes, cada vez mais distantes do dramalhão mexicano e cada vez mais afiadas na sua "crítica social".

"Os Esquecidos", "O Anjo Exterminador" e "Viridiano", presentes na mostra, também existem em vídeo. Estes filmes, junto com o já citado "Nazarin", são os melhores "películas" que realizou no México, com um estilo mais fiel ao diretor, distantes do padrão melodramático do cinema mexicano.

Só resta torcer pelos lançamentos em vídeo de "Cão Andaluz" e "A Idade do Ouro", os dois primeiros filmes de Buñuel. Verdadeiros marcos do cinema surrealista, tiveram colaboração de Salvador Dali no roteiro. Essas obras inovadoras já prenunciavam a importância que o diretor teria no cinema contemporâneo.

René Müller 9



Do outro lado do altar

Proibição de casamento afasta padres da Igreja Católica

ZERO - MAIO 94

Textos:
Ana Paula Pinho

"O ser humano se completa em outro ser humano. Acho que o celibato católico está tirando p-iss muito bons do mundo."

Willian Schisler, 69 anos, Pastor da Igreja Metodista

"Os padres não casam, mas acabam fazendo das suas. Só não têm coragem para assumir."

Manoel Campos, 69 anos, Aposentado

"Se for para o padre quebrar o voto de castidade, é melhor que case."

Maria Bernadete da Silva, 47 anos Dona de casa

"O celibato passa por cima das necessidades afetivas do clero. É melhor envolver a família inteira no serviço a Deus do que trabalhar com indivíduos submetidos a um ideal contrário à sua natureza."

O. A. F., 57 anos Ex-padre

"Claro que padre deve casar. Ele não é capado."

João José da Silva militar reformado

"Já pensou num padre corno?"

Pe. Aquilino dos Santos

Surrar-se com um chicote, três vezes por semana, depois de jantar. Essa era a maneira pela qual o ex-padre Eugênio Sieberichs dominava os "desejos carnis", enquanto estava no seminário. Alguns de seus companheiros chegavam a pôr argolinhas de ferro na ponta do chicote para a autoflagelação. O que os levava a isso era a lei do celibato. Imposta pela Igreja Católica há quase mil anos, ela proíbe o sexo para padres e freiras, colocando-os no meio de um dilema: de um lado, a devoção a Deus; do outro, os apelos da carne. Mas, afinal, padre deve casar? Enquanto uns defendem e outros combatem a idéia, muitos sacerdotes estão abandonando a batina.

Em 1990, havia cerca de 80 mil ex-padres no mundo. A maioria abandonou a igreja por causa do voto de castidade. Os dados, tirados do livro **Padres Casados - Depoimento e Pesquisa**, mostram ainda que 64,6% dos ex-padres brasileiros entrevistados continuariam no Sacerdócio se pudessem combiná-lo com o casamento. Segundo os autores, o abandono da batina não é algo intempestivo, mas muito bem pensado. Ele ocorre geral-

mente por volta dos 40 anos, uma fase de plena maturidade.

"Claro que padre deve casar; ele não é capado", exalta-se o militar reformado João José da Silva, 48 anos. "Não adianta ele estar fazendo as coisas enrustido", argumenta. Mas o padre Antônio Marcos Konesk, 57 anos, da paróquia Santo Antônio, em Florianópolis, recorre a um trecho da bíblia para justificar o celibato: "O solteiro cuida das coisas do senhor, procurando agradar a Deus. Mas o casado preocupase com as coisas do mundo, procurando agradar a sua esposa".

Na mesma bíblia em que se encontra o trecho acima, lê-se também: "Se alguém não souber governar sua própria casa, como terá cuidado da Igreja de Deus?". A estudante Josiani Simas, 18 anos, é da mesma opinião. Católica desde pequena, ela acha que, sendo casado, o padre teria uma visão melhor do que é ter uma família.

Mas para Konesk, se o celibato for abolido, podem surgir alguns problemas: "Já pensou o padre rezando a missa e o filho do lado gritando 'paiê'? Ou então um espelho enorme pendurado na sacristia para a

esposa se arrumar antes da celebração?". O padre e professor da Universidade Federal de Santa Catarina, Aquilino Antônio dos Santos, 54 anos, vai mais longe: "Já pensou num padre corno?".

Ironias à parte, Konesk fala que outro voto poderia ser quebrado com a liberação do celibato - o voto de pobreza. "Se eu tenho uma família, eu quero o melhor colégio para os meus filhos, a melhor casa, um casaco da pele para a minha mulher...". E isso poderia significar gastos para a igreja ou um emprego para o padre.

Mas, segundo ele, não deve estar longe o dia em que padres e freiras poderão casar. A igreja está caminhando para uma abertura e o motivo seria a escassez de pessoas interessadas no sacerdócio. O padre Ivo Dalsenter, do colégio Catarinense, conta que no norte do país, dois padres já conseguiram uma verdadeira proeza: a permissão do bispo e a aprovação da comunidade para que, mesmo casados, continuassem exercendo suas funções normais na Igreja.

Padres com AIDS

Nem sempre o juramento de castidade é mantido pelos sa-

cerdotes. Exemplo disso são as inúmeras reportagens publicadas na imprensa, em outubro do ano passado, denunciando casos de Aids dentro da Igreja. Nos últimos seis anos, 27 padres morreram com a doença, no Rio e em São Paulo. A esse número somam-se os casos desconhecidos ou aqueles em que não houve morte. "No Brasil, eu não conheço nenhum caso. A imprensa é que é visceralmente contra a Igreja", combate o padre Aquilino. "A única informação que eu tenho é que a arquidiocese de São Paulo cuida de crianças com Aids".

Mas outro dado vem reforçar a tese de que existe sexo dentro de instituições religiosas. Em uma entrevista publicada há alguns meses na revista *Veja*, a freira Ivone Gebara admite isso claramente. "Essa freira é tola", dispara o padre do colégio Catarinense, Tomé Kerbes, 75 anos e 42 de sacerdócio. Já, o ex-padre Eugênio Sieberichs (veja o box) não nega que possa haver homossexualismo dentro dos conventos, embora não tenha visto nada de concreto. "São seres humanos e se alguém disser que isso não acontece, está mentindo".

A vontade de ser pai foi maior

De 1965 a 1972, o padre Eugênio Sieberichs trabalhava em uma paróquia de Pato Branco, no sudoeste do Paraná, onde vivia cercado por fiéis, missas e sermões. Hoje, ele passa o dia na sala de direção do colégio Catarinense, em Florianópolis, cuidando de cobranças e lidando com pais e alunos. A mudança aconteceu depois que Sieberichs resolveu trocar a batina por uma família.

A decisão de largar o sacerdócio veio depois de quatro anos de muita reflexão. "Domingo, eu tinha aquelas 900 crianças na igreja; tudo filho dos outros, nenhum era meu", lembra o ex-padre. No meio a tantas dúvidas, Sieberichs resolveu escrever um diário onde pudesse despejar suas angústias. Mas, dois dias antes de seu casamento, em 1977, destruiu as 380 páginas datilografadas que conseguiu reunir.

Em Pato Branco, sua vida não se resumia às funções normais de um padre. Com a voz empostada que tem, Sieberichs comandava programas diários na rádio oficial da igreja: a *Celinauta*, que significa "Navegadora dos Céus".



Os Sieberichs: casamento e sacerdócio podem andar juntos

E foi em fevereiro de 1972, sintonizados em ZYE 137, que os ouvintes da *Celinauta* escutaram a despedida do padre. Começava a partir daí uma nova vida para ele. Um começo que não foi fácil: "Foi como sair pelado em praça pública. Parecia que todos

estavam olhando e apontando".

O pior foi arrumar um meio de se sustentar. O Ministério da Educação não reconhece o seminário como um curso superior e pessoas como Sieberichs deixam a Igreja sem

uma profissão definida. Da Paróquia ele só levou 500 cruzeiros da época - e que deu para pagar menos de dois meses de pensão. O jeito foi revalidar os seus estudos durante um ano para conseguir o diploma de graduação em filosofia. Assim, como a maioria dos ex-padres, Sieberichs apegou-se ao magistério.

Hoje, pai de dois filhos, ele não se arrepende de tudo o que fez. A única mágoa com a igreja é ter sido obrigado a escolher entre Deus e o casamento. Para ele, seria perfeitamente possível unir as duas coisas. "Estudei quase vinte anos, não perdi minha fé e só porque casei não posso mais trabalhar?". Indignado, compara um padre casado a um carro da Prefeitura: apresentou um problema, virou ferro velho e foi inutilizado.

Para Sieberichs, a Igreja está deixando de aproveitar o trabalho de muita gente preparada para o sacerdócio. "Eles preferem pegar um velho de 70 anos, que não consegue mais fazer sexo, jogar um ano de teologia e filosofia em cima dele, colocando-o na Igreja para falar um monte de besteiras", critica. "Quem está mais apto? Ele ou eu?".

Tele-sexo rende milhões

Erotismo pelo telefone atende às fantasias mais íntimas e tem ligações até da prefeitura



MAIO 91 - ZERO

A indústria de sexo já se instalou nas linhas telefônicas de Santa Catarina e aparecem em dezenas de outdoors espalhados por Florianópolis. Desde o final de março, surgiram no estado três serviços de sexo por telefone. Duas empresas comercializam estes serviços que funcionam em horários noturnos e realizam por telefone as mais diversas fantasias sexuais. A mais tempo no mercado, o serviço de amizade por telefone, ou simplesmente Disque-amizade, também desperta interesse na população e já é assunto de tese universitária.

O que as pessoas fazem entre quatro paredes vem encontrando no telefone um fiel parceiro. Uma das empresas de tele-sexo, a Mig-Produções, que tem sede em São Paulo, completou um ano de atividades em abril, possui uma rede de serviços em vários estados brasileiros (in-

clusive em Santa Catarina), emprega 320 pessoas, recebe em média 3.600 telefonemas por noite e fatura US\$ 500 mil por mês. "A vantagem que as pessoas têm usando os serviços de sexo e amizade por telefone é ter uma opção de lazer segura e que ajuda a superar a timidez e as carências afetivas", afirma Anante Murphy, administrador do Disque-amizade de Santa Catarina.

"Liguei primeiro por curiosidade e depois passei a ligar toda a semana. E só para ver até aonde vai a brincadeira", diz Alexandre Moreyra, 18 anos, estudante do cursinho pré-vestibular do Colégio Geração, confesso usuário desses serviços.

O que se ouve nos três serviços de tele-sexo é uma voz feminina falando tudo que o cliente pedir sobre sexo. Renata, uma das atendentes da Tele-Emoções, prefere trocar seu nome e, ao atender as ligações, conta histórias eróticas, representando uma personagem. "Geralmente sou uma mulher atraente fisicamente, e faço o que o usuário pedir", afirma Renata, uma moça de 24 anos que trabalhava como secretária antes de ser atendente.

Os diálogos eróticos ao telefone vão do chulo e exótico ao romântico. "No início me assutei com as conversas. As pessoas pedem para gemer, falar devagar e descrever si-

tuações de sexo oral e anal", conta Renata, que em 90% das ligações conversa com homens durante o seu trabalho.

As duas empresas que atuam em Santa Catarina com os serviços de sexo por telefone, a Tele-Emoções e a Mig-Produções, iniciaram o trabalho no estado em fevereiro e março deste ano. Um dos proprietários da Tele-Emoções de Florianópolis, que se identifica como Wanderson, assegura que os serviços têm sigilo absoluto, mas faz algumas restrições, como não atender crianças. "Muitas ligam, geralmente escondidas dos pais, e são reconhecidas pela voz. Fora as crianças, todos são atendidos".

Empiricamente, 20% dos que ligam são os tarados. "Ficam pedindo palavrões o tempo todo e falam sem parar. Outro grande grupo é o dos românticos, gostam de um papo-cabeça e desligam o telefone contentes", conta Renata. A técnica das atendentes é atender todos com a preocupação de não agredir ou passar frieza, a menos que o usuário peça. "A seleção da equipe que atende as quatro linhas da Tele-Emoções foi feita através de testes de voz e interpretação", afirma Wanderson.

Mas o prazer telefônico dói no bolso. Cada minuto custa em torno de 1,4 dólar, debitado na conta telefônica. No caso da Tele-Emoções, as li-

gações são interrompidas a cada 15 minutos. Quem quiser falar mais, tem que fazer uma nova ligação. "O objetivo é proteger um pouco o bolso do cliente", diz Wanderson.

Mas, o que têm provocado mais surpresas, além das vultuosas contas telefônicas, são os "empréstimos" de telefones. Não são raros os casos de empresas e órgãos públicos em que os funcionários se utilizam dos telefones de seu local de trabalho para ligarem para os serviços de tele-sexo. Recentemente, na Prefeitura de Florianópolis foram descobertas duas ligações para o serviço de Tele-conversas, sem que os usuários se identificassem. As ligações foram feitas no dia 29 de março e custaram aos cofres públicos CR\$ 6.300,00.

Luiz Carlos Festi



Roda de amigos, piadas e palavrões povoam 145

Os serviços especiais por telefone não são tão recentes em Florianópolis. Desde 1990 existe o Disque-amizade. Esse serviço funciona 24 horas por dia, custa duas vezes mais que as ligações normais e pode agrupar até cinco ligações diferentes, bastando ligar para o número 145. "O serviço prestado pelo Disque-amizade é pôr em contato pessoas que querem fazer amizades", explica Anante Murphy, um empresário indiano que admi-

nistra a agência em Santa Catarina desde a sua ampliação.

A pessoa que liga para o Disque-amizade poderá conversar com outra pessoa, que dependendo da hora da ligação pode estar sozinha na linha. Ao completar a ligação, a pessoa pode ser monitorada. Isto significa que as ligações podem ser controladas por uma das quatro monitoras que trabalham na agência, instalada no prédio da Telesc, na praça Pereira Oli-

veira, no centro de Florianópolis.

As monitoras encaminham aleatoriamente as ligações para um dos 24 grupos que compõem o sistema e escutam alguns grupos. Com isso, elas podem fazer advertências aos engraçadinhos que ligam só para contar piadas, falar palavrões e perturbar os grupos. Essa advertência é feita de modo isolado, sem que os demais participantes do grupo ouçam a repreensão. Se a advertência não resolver o problema, a ligação dessa

pessoa pode ser derrubada.

"É como uma roda de amigos. Às vezes todos falam ao mesmo tempo e sempre existem os chatos, mas eles acabam sendo isolados", afirma Maria Vitalina Hinker, uma das quatro monitoras que controlam os vinte e quatro grupos. Segundo as monitoras, o horário em que as ligações são mais intensas é das 19 às 23 horas. "Se tiver horário político na TV, dobra o número de ligações", diz Maria Hinker.

Disque 145: o paraíso dos voyeurs

O universo das pessoas que ligam para o Disque-amizade, foi o tema da dissertação de mestrado em antropologia social de Aglair Bernardo, professora de comunicação e cultura popular do curso de Jornalismo da UFSC. Aglair pesquisou durante três anos o Disque-amizade em Florianópolis e fez várias conclusões. "As pessoas ligam principalmente para procurar um espaço de namoro, afeto, identidade e até política e cidadania. A intenção de amizade é percebida, mas a maioria liga querendo encontrar um espaço de "caça": se as expectativas batem, iniciar um namoro ou encontrar parceria sexual".

Para fazer sua pesquisa, Aglair participou de muitas conversas do 145. Com isso, ela identificou alguns rituais que se repetiam nas conversas: as apresentações, as descrições e, frequentemente, o ato de passar o telefone particular para outra pessoa. "Esse é o momento mais difícil das conversas. Geralmente, duas pessoas querem conversar sossegadas, sem ninguém ouvindo e uma tem que pedir o telefone pra outra. O problema é que pode ter outra pessoa ouvindo e anotar o telefone para depois passar o trote. "Os homens geralmente passam mas as mulheres têm receio", explica Aglair.

Outras descobertas das pesquisas foram as descrições fantasiosas que fazem parte das conversas. "Nas ligações, as pessoas inventam muitas coisas: dizem coisas que não são, trocam de idade, nome e profissão e assumem uma beleza que, possivelmente, não possuem.

Estatuante da preguiça

Negligência e omissão dos delegados ameaçam a conclusão da Assembléia

A Assembléia Estatuinte da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), encarregada de elaborar o novo estatuto da Universidade, vai completar um ano e meio de atividades no próximo mês. Mas infelizmente há pouco para comemorar. Dos 104 delegados que participaram da histórica plenária inaugural em novembro de 1992, apenas 40 comparecem em média às reuniões. Os estudantes foram os primeiros a abandonar o barco, hoje restam apenas três. Mas o problema maior são os professores e servidores que recebem até 20 horas semanais para trabalhar na estatuinte e não aparecem.

"Se o processo parar agora, por muitos anos ninguém vai querer ouvir falar em estatuinte, pois é um trabalho desgastante e cansativo", lamenta Wilson Erbs, coordenador da estatuinte. Durante as oito últimas reuniões muitos professores e servidores faltaram e nem se preocuparam em justificar. Três compareceram somente uma vez e seis participaram de apenas duas plenárias. As justificativas apresentadas são em geral doença e motivos pessoais não revelados. A secretaria da Assembléia aceita justificativas por telefone.

Erbs tem consciência dos fatos e disse que a estatuinte está tomando providências para tentar resolver o problema. Uma das atividades foi o seminário para apresentação de propostas para a estrutura universitária, que definirá a futura organização da universidade, no dia 14 de abril. "Depois do seminário houve um leve aumento na participação e no interesse dos estatuintes" disse Erbs. Além disso na plenária do dia seis de abril, todos os faltosos foram anistiados.

Erbs vai propor pessoalmente ao comitê pleno a reintegração, ou seja, o perdão dos estatuintes que abandonaram as plenárias. Com isso ele

pretende possibilitar a continuidade do processo que considera "inédito e autopedagógico".

A estatuinte foi prorrogada duas vezes, e até o final de abril já realizou 70 plenárias totalizando 280 horas de discussão sem contar com os grupos de trabalho paralelos. O prazo para a conclusão dos trabalhos da estatuinte é no final do primeiro semestre de 94.

Josemar Sehnem

Raul Valentim da Silva, professor aposentado, representante da comunidade externa, participou de todas as plenárias desde a instalação da Estatuinte. Sem ganhar 20 horas aula.

PROFESSORES E SERVIDORES EM 8 REUNIÕES

CAMPEÕES DA GAZETA

Faltas

8

Antônio Iacizinski Sobrinho, Antônio J. do Gama, Fernando Noronha, Gerônimo Wanderley Machado, Isolde Melchiorretto, José Antônio de Souza, Kenia Schidt Reibnitz, Luiz Ricardo da Silva, Maria de Nazaré Sanches, Terezinha dos Santos

7

Hermes José Graipel Junior, Maria Tereza Leopardi da Rosa, Walter Schappo

CAMPEÕES DE ASSIDUIDADE

Faltas

0

Alvim Schroeder, Carlos Alberto F. Dantas, Hamilton C. de Abreu, Raul Valentim da Silva, Vera Lúcia Bazzo

1

Antônio Carlos M. da Rosa, Carmem Aide Hermes, Francine L. Gelbke, Frederico de Souza Cruz, Leda Scheibe, Luiz Fernando Scheibe, Marcia P. Hofmann, Mario Kobus, Mario Luiz Vicenzi, Marli Auras, Pedro Antônio de Mello, Valcionir Correa.

Professores não aderem à greve

Os professores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) não estão conseguindo mobilização suficiente para aderir à greve nacional dos servidores públicos iniciada em 20 de abril. Na assembléia realizada dia 27 de abril onde 201 dos 1910 professores votantes estavam presentes, apenas 63 votaram a favor da greve.

A desmobilização dos professores ocorre em todo o país. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) a assembléia que aprovou o indicativo de greve contou com a presença de 88 dos 2800 votantes. A pequena participação dos professores fez com que somente 16 das 54 universidades federais entrassem em greve até o final de abril. Em entrevista ao ZERO, a presidente da Apufsc (Associação dos Professores da UFSC) Bernardete W. Aued fala sobre a apatia que ronda o meio acadêmico.

Zero: Qual o objetivo da greve?

Bernardete: A greve dos professores tem um objetivo político de denunciar o plano econômico de Fernando Henrique Cardoso que nos resultou numa perda salarial de 105%.

Zero: Então a questão "salário" é o motivo principal?

Bernardete: A questão salário é a causa imediata, apesar de não ser possível medir a condição de vida pela média salarial, pois uns ganham bem, outros não. Nós queremos acabar com as perdas.

Zero: Porque os professores não estão se mobilizando?

Bernardete: Existem vários fatores. O primeiro é o desemprego crescente, que gera medo porque a greve marca pessoas e coloca a possibilidade de demissão aos professores novos que não têm estabilidade. Outro fator é que há professores que não querem repôr aulas durante as férias.

Zero: Os servidores têm mais motivos para entrarem em greve?

Bernardete: Não dá para generalizar a condição de vida dos professores e dos servidores. A desvantagem dos servidores

é que nenhum tem a URP (Unidade de Reposição de Perdas), e entre eles há quem não ganhe nem um salário mínimo.

Zero: A greve dos servidores pressiona os professores?

Bernardete: O trabalho do docente e do servidor são complementares, nós precisamos dos servidores para nos auxiliarem nas tarefas didáticas, e a ausência deles só inviabiliza nossas atividades. Não é possível estudar sem os laboratórios e a biblioteca, e isso acaba nos forçando a entrar em greve.

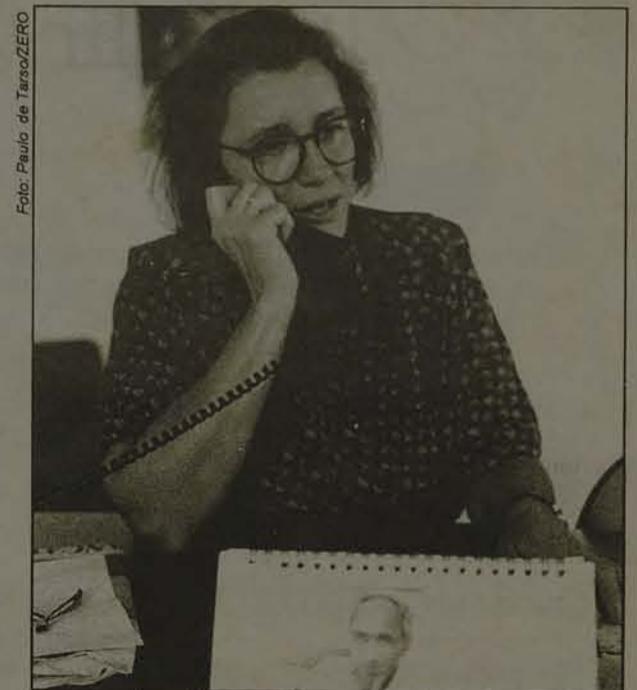
Zero: Por que os professores estão com opiniões tão divergentes em relação à pauta de reivindicações?

Bernardete: Porque eles são oriundos de diferentes classes sociais e têm posições políticas também diferentes.

Zero: É clara a divergência ideológica entre os profissionais dos diferentes Centros da Universidade?

Bernardete: É bastante distinta. Isso porque alguns Centros como o CTC, tem ótimas instalações de trabalho e ficam numa posição mais cômoda, já outros como o CFH estão em condições bem mais precárias, com falta de salas e computadores, enquanto quase a maioria dos professores do CTC têm sua sala, seu computador, seu telefone e às vezes até sua secretária.

Sandra Nebelung



Bernardete: "O problema imediato é o salário"

Remuneração em URV - Professor do Magistério Superior

Classe	Graduado	Aperfeiçoamento	Especialização	Mestrado	Doutorado
Titular	589,21	618,67	659,91	736,51	883,81
Adjunto	483,75	460,68	491,40	548,43	808,87
Assistente	344,55	361,82	385,90	430,70	516,88
Auxiliar	275,42	284,64	303,03	338,71	405,90

* Os valores são médias aritméticas entre os quatro níveis de cada categoria em março de 1994
 ** Ao todo são 1.704 profissionais: 179 titulares, 1.015 adjuntos, 370 assistentes e 105 auxiliares